



Do abandono à terapia

Vira-latas resgatados também podem se tornar aliados do bem-estar e da melhora da saúde mental e física. A presidente da Fundação Bichoterapia, Ana Laura de Moura Moraes, defende que o principal objetivo da instituição é utilizar a TAA para integrar cães sem raça definida, muitas vezes esquecidos pela sociedade, na reabilitação, no cuidado da saúde e na socialização de pessoas com limitações ou que necessitem de apoio emocional.

“Queremos dar protagonismo ao vira-lata e mostrar seu valor. Ele não é inferior a um cão de raça e pode auxiliar muito, inclusive na saúde das pessoas”, afirma Ana Laura.

A Fundação funciona em parceria com equipes multidisciplinares das instituições atendidas, que incluem médicos, psicólogos, terapeutas e outros profissionais da saúde. Enquanto esses profissionais definem os objetivos terapêuticos e acompanham os resultados, a equipe da Fundação conduz os cães, todos adestrados, saudáveis e higienizados, assegurando o bem-estar animal e a eficácia das interações.

“Esses profissionais nos dão feedback sobre como estão sendo as atividades, se precisamos mudar alguma interação ou deixar o cãozinho mais tempo com algum paciente. É graças a isso que temos tantos relatos de sucesso. Veterinários também integram o processo, garantindo a saúde dos animais e a segurança dos participantes, em um trabalho conjunto que alia ciência, cuidado e empatia”, explica Ana Laura.

Em relação aos pets, a Fundação se destaca por treinar apenas cães resgatados. Os bichos são avaliados quanto ao temperamento, devendo ser calmos, sociáveis, dóceis e tolerantes a diferentes ambientes, barulhos e manuseios. Após serem selecionados, passam por um treinamento específico para se tornarem “cães terapeutas” por meio do adestramento positivo, sem punição, que os capacita a interagir de forma segura e positiva com os pacientes.

“Não basta apenas ser um cãozinho amoroso, há muito adestramento e dedicação por trás. Nossos peludinhos têm a saúde e o bem-estar constantemente monitorados por veterinários, incluindo vacinação, desparasitação, profilaxia dentária anual, e sempre tomam banho antes das visitas”, assegura Ana Laura.

Ainda de acordo com a presidente da Fundação, os resultados observados têm efeito imediato e podem

Divulgação/BichoTerapia



A Fundação Bichoterapia funciona em parceria com médicos, psicólogos, terapeutas e outros profissionais da saúde

ser sociável com outros cães e com as pessoas, e atender a comandos básicos. Isso é fundamental para que ele possa atuar nas visitas com segurança”, explica.

Ela complementa que os cães são expostos a estímulos semelhantes aos que encontrarão durante as visitas — barulho, crianças, cadeiras de rodas e outros elementos do ambiente hospitalar. A equipe observa a reação do animal e o acompanha de perto, garantindo que ele esteja confortável e saudável. “Tudo precisa ser bom, tanto para o tutor quanto para o animal. Caso contrário, ele não pode continuar nos projetos”, reforça a psicóloga.

Também é importante destacar que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Educação e Terapia Assistida por Animais (IBETAA), para que um animal seja considerado apto para atuar, é necessário que um especialista em comportamento animal emita um certificado após o bicho atender ao perfil desejado e passar com sucesso nos testes específicos.

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**

ser notados pelo aumento do bem-estar, da alegria e da motivação para a interação social. “Até os funcionários das instituições aproveitam aquele momento para descontrair e aliviar o estresse”, acrescenta.

Mesmo com as emoções diárias das visitas e os benefícios medicinais, a Fundação enfrenta desafios. Por ser uma instituição filantrópica, depende de doações para custear transporte, cuidados e saúde dos cães terapeutas. Além disso, há desafios relacionados aos próprios animais sem raça definida, que, ao contrário dos cães de raça pura com séculos de seleção genética, são resgatados das ruas ou de abrigos e podem trazer uma bagagem emocional.

“O cão pode ter medos específicos, de homens, de sons altos, resultado de abuso ou experiências ruins, e precisamos trabalhar com esses traumas antes mesmo de pensar em torná-los terapeutas. Encontrar um cãozinho com nível inato de calma e confiança pode ser mais difícil do que em raças selecionadas para isso. Mas é maravilhoso ver esse trabalho na prática, porque não há ressentimento por parte deles, são seres muito puros, só tem gratidão e amor envolvido. O abandono ficou para trás”, conclui.